

OS "MUNDOS" RURAL E URBANO: RELAÇÕES E INTERAÇÕES DO COTIDIANO DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA¹

Ana Paula Aparecida Ferreira ALVES²

Cicilian Luiza Löwen SAHR³

Resumo

Os estudos de comunidade (*community studies*) apresentam uma longa trajetória, desde seu surgimento entre sociólogos europeus no final do século XIX a partir das teorias clássicas, até sua retomada em estudos atuais. No Brasil, as primeiras pesquisas que utilizaram este método tinham como estratégia, sobretudo, a implementação de projetos governamentais nos anos 1950. Atualmente assiste-se uma retomada destes estudos nas ciências sociais e, principalmente, na geografia brasileira. Refletir sobre as relações entre os "mundos" rural e urbano pela análise do cotidiano da comunidade quilombola de São João (Adrianópolis/PR) é o objetivo do presente estudo. Para tanto, utiliza-se a perspectiva micro-escalar, em uma releitura dos *community studies*. As estratégias de sobrevivência adotadas por essa comunidade rural caracterizam-se pelo estabelecimento de interações com a sociedade urbana. Desta forma, desenvolvem-se dinâmicas de deslocamentos residenciais e migrações que articulam o rural e o urbano.

Palavras-Chave: *Community Studies*. Quilombola. Rural-Urbano.

Abstract

Rural and urban "worlds": everyday relations and interactions in a quilombola community

Community Studies dispose of a long history since its beginnings in European sociological theories in the end of the 19th century until its revival in contemporary studies. In Brazil, the first studies of this kind had been applied to support the implementation of government projects in the 1950ies. It is interesting that, by now, a revival of community studies can be observed in Brazilian social sciences, and principally in Brazilian Geography. Our study is a reflection on the relations between rural and urban worlds based on the case study of everyday life in the quilombola (Maroon) community of São João (Adrianópolis/PR/Brazil). Here, a re-reading of community studies on a micro-scale has been performed. In this context, survival strategies could be identified as a feature that combines the rural network of internal community relations with the urban society. Thus, residential dynamics and migrations have been developed, which articulate the relations between the rural and the urban.

Key words: Community Studies. Quilombola. Maroon communities. Rural-Urban relations.

¹ Pesquisa financiada pela Fundação Araucária.

² Mestre em Gestão do Território pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia pela UEPG e Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR. E-mail: anapaulageoufpr@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG e da UFPR. E-mail: cicilian@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Baseado numa releitura das abordagens dos *community studies*, este estudo analisa as relações entre os "mundos" rural e urbano a partir do cotidiano de uma comunidade quilombola. A escolha da abordagem deve-se, sobretudo, a importância atribuída pela mesma à vivência do pesquisador, valorizando a subjetividade do olhar deste perante a realidade dos sujeitos pesquisados. Destaca-se ainda sua perspectiva micro-escalar. Estes, aspectos considerados fundamentais para se atingir os objetivos propostos.

O debate sobre as relações entre os "mundos" rural e urbano é tratado a partir do cotidiano dos moradores de uma comunidade quilombola rural. Trata-se da comunidade de São João, situada no Vale do Ribeira paranaense. A comunidade é constituída por 14 famílias que desenvolvem diferentes estratégias de adaptação e sobrevivência, que envolvem dinâmicas de deslocamentos e migrações entre estes dois "mundos". De um lado o rural, com suas características locais tradicionais, e de outro o urbano, que representa a inserção da comunidade em uma sociedade moderna.

Assim, num primeiro momento, o artigo proporciona uma reflexão sobre os *community studies* desde suas origens até sua atualidade no que concerne a compreensão das relações entre rural e urbano. Na sequência, o intuito é demonstrar a importância da atual releitura dos *community studies* para a geografia brasileira, por permitir a ampliação da análise por partir da realidade dos próprios sujeitos, dando a eles voz. Logo após, tendo como eixo central as reflexões cotidianas das famílias quilombolas da comunidade de São João, são apresentados os resultados da pesquisa empírica aqui proposta.

OS COMMUNITY STUDIES NOS ESTUDOS DAS RELAÇÕES CAMPO-CIDADE: ALGUMAS REFLEXÕES

As questões e teorias referentes aos "mundos" rural e urbano apresentam uma longa trajetória. Os estudos de comunidade e sociedade desde sua origem estiveram associados ao rural e urbano, seja interpretando as transformações que vêm ocorrendo nestes dois "mundos", seja avaliando as influências existentes entre ambos.

Estudos sobre sociedades culturalmente diferenciadas ou sobre antigos povos já eram realizados na Europa mesmo antes de surgirem áreas específicas do conhecimento como a Antropologia, a Sociologia, a Geografia e as demais Ciências Sociais. Porém, no final do século XIX, num período marcado pelas mudanças do desenvolvimento industrial, alguns aspectos de ordem social chamaram a atenção de estudiosos e pesquisadores que perceberam a relação existente entre os espaços vividos e a constituição de determinadas sociedades.

A primeira fase que originou tais estudos foi marcada pelas teorias de Émile Durkheim (1987 [1895]) e Ferdinand Tönnies (1989 [1887]). O debate gerado entre os dois sociólogos foi o precursor das interpretações que influenciaram decisivamente os estudos sobre o rural e o urbano. Os dois princípios reproduzidos pela discussão entre eles geraram o debate sobre a polaridade urbano-rural.

O princípio fundamental pensado por Durkheim (1987) e Ferdinand Tönnies (1989) se baseia na ideia do rural associar-se à sociedade primitiva e tradicional e o urbano à sociedade complexa e moderna. As relações estabelecidas entre os indivíduos de um e de outro também foram abordados nesta discussão. Para eles as relações no "mundo" rural são caracterizadas pela harmonia social, coletividade e afetividade; enquanto no "mundo" urbano, as relações são mais impessoais, individuais e racionalizadas.

O sociólogo Georg Simmel (1997 [1903]) seguiu a tendência teórica de Durkheim (1987) e Tönnies (1989), contribuindo com a noção da densidade populacional, que para ele embasa toda a compreensão destas diferenças entre o rural (tradicional) e o urbano (moderno).

Pensar as relações sociais agregadas às transformações espaciais motivou um grupo específico de pesquisadores da Escola de Chicago nos Estados Unidos, isto na virada do século XIX para o século XX. Embora tenham sido substancialmente influenciados pela construção sociológica europeia, as concepções dos sociólogos norte-americanos representavam outro contexto histórico, que marcou a segunda fase dos estudos de comunidade.

Segundo Wacquant (2004), os Estados Unidos vivenciava a Era Progressista e a percepção das colônias fundamentou a maior parte das produções referentes aos estudos de comunidade. Tais estudos focavam-se principalmente nas categorias migração, pobreza, crime, religiosidade, instrução e saúde pública.

Louis Wirth, sociólogo da Escola de Chicago, retrata as comunidades a partir do espaço urbano, analisando a formação de comunidades constituídas por imigrantes, grupos étnicos e outras que compunham a formação de guetos (LUTTERS; ACKERMAN, 1996). Wirth (1928) demonstra, assim, um padrão urbanista em suas reflexões por partir do espaço urbano para estudar comunidades. Como Simmel (1997), ele também fundamenta sua abordagem no conceito de densidade populacional.

Ainda nos primeiros anos em que os estudos de comunidade se destacavam na Escola de Chicago – entre 1920 a 1950 – estes passaram a ser considerado método científico (*community studies*). Estes estudos tiveram como marco o trabalho do casal de sociólogos Roberto Lynd e Helen Lynd (1956), sobretudo através de uma pesquisa realizada em 1929 em uma “pequena cidade” ou *Middletown* como designaram uma pequena comunidade rural localizada em Missouri nos Estados Unidos.

Outros representantes da Escola de Chicago que passaram a utilizar os *community studies* em comunidades rurais como método e que merecem destaque são o antropólogo Melville J. Herskovits (1930), cujas pesquisas visavam à investigação da vida cultural dos negros americanos; e o também antropólogo Oscar Lewis (1960), que obteve destaque com suas pesquisas em comunidades camponesas. Todavia, Robert Redfield (1989 [1960]), que em meados da década de 1930 realizou estudos etnográficos com grupos específicos no México, foi um dos primeiros, assim como o casal Lynd (1956), a retratar as comunidades camponesas através da sistematização de suas características (ROSA; FERREIRA, 2006). Redfield se contrapôs as investigações da maioria dos pesquisadores de sua época na Escola de Chicago, os quais se dedicavam as transformações urbanas.

Redfield (1989) também vivenciou a fase em que as observações sobre a vida nos “mundos” rural e urbano demonstravam uma constante transformação, o que revelava uma relação de interdependência entre ambos. Deste contexto surgiu a noção de *continuum* nos estudos de comunidade. Redfield apresenta este conceito em seus trabalhos sobre o México, retratando realidades estanques e territorialmente delimitadas, mas com o rural estabelecendo ligações com o urbano, sobretudo na dependência do primeiro com o segundo para a aquisição de produtos.

Segundo Schneider (1997), a abordagem da diferenciação clássica entre comunidade/sociedade de Tönnies (1989) forneceu o arcabouço teórico para as reflexões de Redfield (1989). Assim, o significado da teoria do *continuum* baseava-se na ideia central da relação entre comunidade e sociedade, sendo que, a comunidade associava-se ao rural e a sociedade ao urbano, com os elementos sociais específicos de cada um (SCHNEIDER, 1997). Porém, esta noção de *continuum* entre rural e urbano toma outro rumo nos anos posteriores como será detalhado mais adiante.

Novas perspectivas marcaram o segundo momento dos estudos de comunidade na Escola de Chicago. As mudanças e a diversificação das concepções teóricas e das áreas de

estudo da Sociologia e Antropologia nos Estados Unidos trouxe à tona novas abordagens nos estudos referentes às populações camponesas. Conforme Murphy (1976), a partir dos interesses expansionistas no pós-guerra, os estudos sobre sociedades primitivas deram lugar às pesquisas que davam mais atenção às populações rurais que se encontravam às margens das aglomerações urbanas.

Neste período destacam-se as concepções dos antropólogos Eric Wolf (1957), Sidney Mintz (1953) e Julian Steward (1955). Wolf (1957) e Mintz (1953) iniciaram nos estudos de comunidade a partir de projetos e pesquisas coordenados por Steward (1955). Steward era discípulo do antropólogo neo-evolucionista norte-americano Alfred Kroeber (1917) e do geógrafo cultural Carl Sauer (2003). Ele influenciou-se por suas idéias e fundou a Escola da Ecologia Cultural.

Os discípulos de Steward (1955), Wolf (1957) e Mintz (1953) estudaram ainda comunidades no México e na Europa. Wolf (1957) se destacou com suas pesquisas realizadas sobre a América Latina e campesinato. Mesmo sob orientação de Steward, os dois antropólogos optaram por outra perspectiva. Eles analisavam as reações e adaptações das comunidades às instituições coloniais a partir da história local (RIBEIRO e BIANCO, 2003).

Da década de 1950 a década de 1970, o trabalho de Wolf (1957) torna-se referência no estudo do campesinato, principalmente pela consistência impressa por suas pesquisas na América Latina. Foi aí que a cultura, sociedade camponesa e interdependência política se fundamentam na dialética entre plantações e camponeses.

Esta nova perspectiva, demonstrada através dos trabalhos de Wolf (1957) e Mintz (1953), foram conseqüências do período de intensa transição nas relações entre os "mundos" rural e urbano, fortemente sentidas na América Latina. Este período também foi marcado pela transição dos estudos sociológicos dos referidos espaços. A disciplina Sociologia Rural, que se fundamentava na abordagem dos *community studies* da forma já retratada anteriormente, dava lugar a uma abordagem de cunho marxista representado pela Sociologia da Agricultura (SCHNEIDER, 1997).

Como aponta Carmo (2009), é nesta fase (a partir dos anos 1960) que se nota uma viragem da perspectiva de *continuum*, em que modalidades do urbano e da modernização passam a penetrar nos espaços rurais e periféricos. Esta tendência mudou o enfoque da abordagem do *continuum* para uma perspectiva que se baseava na difusão e inovação tecnológica. Esta nova noção não se torna exclusiva como se verá a seguir.

OS COMMUNITY STUDIES NO BRASIL: DO REDUCIONISMO À MICRO-ESCALA

A relação duradoura de dependência da população rural com os proprietários de grandes domínios de terra foi um fenômeno que marcou a história social no Brasil desde o período escravista até a primeira metade do século XX (GARCIA JR., 2002). A partir da década de 1950, uma nova configuração começou a se consolidar baseada na modernização do meio rural. O Estado brasileiro implementou neste período, um modelo que representava o processo urbano-industrial e que se sobrepunha ao agrário, repercutindo assim nas relações entre campo e cidade (RODRIGUES; SOARES, 2008).

Neste período, projetos e programas de desenvolvimento de comunidades constituídos por universidades norte-americanas em convênio com instituições governamentais brasileiras, foram introduzidas no país. O projeto de convênio *Columbia University/Estado da Bahia*, coordenado pelo antropólogo Charles Wagley nos anos 1950, utilizou os *community studies* para analisar as relações raciais existentes no interior da Bahia (MAIO, 2009).

Marvin Harris (1971) foi um dos pesquisadores do grupo coordenado por Wagley que se destacou pelos resultados obtidos através da utilização de diversos métodos qualitativos de investigação aos moldes dos *community studies*. A escala local ficou implícita nestes estudos a partir do trabalho deste autor.

Porém, nos anos que seguiram, a perspectiva escalar presente nos *community studies* se alterou. Princípios marxistas nortearam os estudos referentes aos fenômenos rurais-urbanos, que se basearam na concepção de que estas manifestações ampliavam-se numa escala macrosocial. Isto ficou caracterizado por uma clara preocupação com o estudo da estrutura da agricultura a partir de uma perspectiva crítica (BUTTEL, 1991 citado por SCHNEIDER, 1997).

As novas abordagens surgidas no debate crítico ao sistema agrário estabeleceram um vasto diálogo acerca do desenvolvimento capitalista na agricultura, tendo como enfoque unicamente o ponto de vista econômico (ROSA e FERREIRA, 2006). Destas discussões, a oposição entre rural e urbano foi sempre o tema central.

Na década de 1980 a abordagem da relação campo-cidade "ganhou e perdeu ênfase como escopo de interesse de estudiosos da questão agrária brasileira" (ROSA e FERREIRA, 2006, p.189). Estes estudos eram voltados ao trabalhador assalariado no campo e a sua subordinação com a pequena produção agrícola perante a implantação dos complexos industriais.

Contudo, a partir da década de 1990, a propagação destes estudos no Brasil tomou outro rumo. Enquanto as discussões em torno do debate crítico se consolidavam cada vez mais nos Estados Unidos através da constituição da Economia Política da Sociologia da Agricultura, no Brasil manifestava-se uma retomada do debate campo-cidade a partir da perspectiva micro-escalar (VEIGA, 1991; ABRAMOWAY, 1992; WANDERLEY, 2001).

A Geografia percorreu um caminho paralelo aos estudos de comunidade através de alguns dos seus principais conceitos, que influenciaram ou sofreram influência dos estudos referentes às categorias rural e urbano. Primeiramente, no período em que predomina a tendência urbanista na Escola de Chicago, a Geografia Regional avança e o conceito de paisagem adquire nova perspectiva a partir do geógrafo alemão Alfred Hettner (1927)⁴. Num segundo momento da Escola de Chicago, seu próprio integrante Steward (1955) é influenciado pela abordagem do geógrafo Carl Sauer (2003) com sua perspectiva de paisagem cultural⁵.

Esse paralelismo se estreita na fase atual dos *community studies* no Brasil em que os estudos regionais passam a ser revistos e reinterpretados. Conforme Lencioni (1999, p.188), na Geografia os novos caminhos, expressos pelas geografias pós-modernas, surgiram "... no momento em que o local, o regional e o global se recompuseram ante a recente reestruturação do capitalismo".

Neste contexto, a região é considerada a instância particular de análise que se situa entre o local e o global, sendo que, a desconstrução pós-moderna, que incorpora a subjetividade, conduz a uma perspectiva fragmentada da realidade, na qual fica estabelecida uma autonomia (LENCIONI, 1999). Neste caso, "as geografias pós-modernas podem contemplar o estudo regional à medida que procuram dar ênfase ao heterogêneo, à diferença" (p.187).

Esta perspectiva pode ser vista através da releitura contemporânea dos *community studies*, pois assiste-se nas ciências sociais e, sobretudo, em algumas áreas da geografia

⁴ HETTNER, Alfred. **Die Geographie. Ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden**. Breslau: Ferdinand Hirt, 1927.

⁵ A concepção de Sauer (2003) era baseada no conjunto das formas naturais e culturais que associadas a uma dada área representavam a paisagem geográfica. A análise morfológica desta paisagem apresentava o caráter orgânico ou quase orgânico das formas e sua integração sendo que neste sentido, o tempo é uma variável fundamental. Para o autor, a ação ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem natural, resulta na paisagem cultural ou geográfica.

brasileira, "[...] uma forte tendência para estudos idiográficos sobre comunidades sociais e étnicas, investigando seus micro-espacos vividos. Esta tendência ocorre principalmente no ambiente rural, no caso de populações tradicionais" (SAHR, 2009, s.p.).

Desta forma, reconhece-se na Geografia o potencial respaldo para estas pesquisas, pois nos últimos anos, conforme Rosa e Ferreira (2006), são poucos os estudos que tratam da qualificação do rural e do urbano enquanto categorias. Dois elementos se destacam no debate atual: a heterogeneidade das relações entre os "mundos" rural e urbano e "a esfera local como mais adequada para realização de diagnóstico e proposição de soluções para os problemas enfrentados pelas populações rurais" (p.196).

Esta tendência apresenta-se como resposta fenomenológica à crescente democratização do país, no qual até então predominavam perspectivas da macro-escala geográfica, com os temas geralmente de cunho positivista, estruturalista, pós-estruturalista e marxista (SAHR, 2009).

Para Sahr (2009, s.p.) esta retomada é:

[...] uma visão pós-moderna [...] da redescoberta da idéia romântica da comunidade. Justifica-se pela revalorização da "autonomia" (Souza)⁶ para grupos sociais e culturais e coincide com a discussão sobre a cidadania brasileira. Desta forma, os aspectos idiográficos ganham um novo valor dentro dos estudos sociogeográficos.

As particularidades e a escala local que fundamentam esta ideia remetem à importância da retomada, através de uma releitura, dos *community studies*, pois a abordagem idiográfica segue sua tradição.

As primeiras pesquisas que utilizavam os *community studies* como método científico estavam embasadas por técnicas antropológicas mais concentradas em seus resultados finais. Castro (2001) demonstra, entretanto, através da percepção de Harris (1971), a importância de uma releitura dos *community studies* para se atingir o objetivo micro-escalar:

[...] Harris desconstrói as pré-noções que definiam a realidade estudada, valorizando o seu olhar e suas experiências pessoais, gerando uma narrativa mais densa da diversidade do local que encontra. (p. 202)

Diante deste argumento, acredita-se que partir da visão micro-escalar é romper com uma noção construída a partir de fatores externos. Portanto, a releitura dos *community studies*, conforme Castro (2001), se diferencia por valorizar a subjetividade do olhar do pesquisador que parte da realidade dos sujeitos pesquisados e também se preocupa em repensar a comunidade a partir de elementos de sua diversidade cultural.

AS RELAÇÕES E INTERAÇÕES COTIDIANAS ENTRE OS "MUNDOS" RURAL E URBANO A PARTIR DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE DÃO JOÃO

A comunidade quilombola de São João, localizada na divisa entre o norte do Paraná e o sul de São Paulo, integra o Vale do Ribeira paranaense, mas mantém uma relação muito próxima com o Vale do Ribeira paulista. No Vale do Ribeira - apesar da proximidade a regiões

⁶ O autor se refere às obras de Marcelo Lopes de Souza, como exemplo citamos o livro "Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas" (2002). O autor centra suas reflexões na ideia de "autonomia" da filosofia política de Cornelius Castoriadis.

altamente urbanizadas, como São Paulo e Curitiba - é onde se verifica a maior concentração de comunidades quilombolas, considerando o conjunto das comunidades quilombolas destes dois estados. A comunidade São João, comparada às demais comunidades do Vale do Ribeira paranaense é a mais isolada geograficamente. As características do local evidenciam um ambiente rural, o que lhe atribui a designação de comunidade quilombola rural.

Esta comunidade, que pertence ao município paranaense de Adrianópolis, recebeu a certidão pela Fundação Palmares em 13 de dezembro de 2006. Atualmente está em processo de delimitação e regularização de suas terras, tendo seu Relatório Antropológico concluído em maio de 2010. Seu auto-reconhecimento como comunidade quilombola ocorreu já a partir de 2000.

As pesquisadoras, autoras do presente artigo, possuem uma forte vivência com a comunidade desde março de 2009. Esta aproximação vem ocorrendo através de períodos alternados de imersão no cotidiano da comunidade, nos moldes dos *community studies*. Este método, que permite acumular observações, sensações e experiências próprias, indica caminhos para o entendimento de como os indivíduos se percebem e se identificam. Diferentes procedimentos de pesquisa auxiliaram neste processo, alguns que demonstram preocupação com certa objetividade e outros que valorizam percepções subjetivas.

Apresenta-se aqui dados e reflexões que permitem apontar as relações e interações entre o rural e o urbano vivenciadas pela comunidade de São João. As 14 famílias que constituem a comunidade são unidas por parentesco ao escravo ancestral João Morato e sua esposa, a Índia Thomázia; compondo assim a quinta, sexta e sétima geração destes. Por isso, a comunidade é do tipo parental. A população total de São João corresponde a 58 pessoas sendo que, 12% têm entre 0 e 6 anos, 24% entre 6 e 14 anos, 10% entre 14 e 21 anos e 54% com mais de 21 anos. Quanto ao grau de instrução, considerando os chefes de família e seus respectivos cônjuges, 30% são analfabetos enquanto 58% têm grau de instrução equivalente aos primeiros anos do ensino fundamental (LÖWEN SAHR, et. al, 2010).

A metade das famílias habita casas típicas (casas de taipa ou de barro), outra metade habita casas de madeira e apenas uma é de alvenaria. A principal atividade na comunidade é a prática de subsistência desenvolvida de maneira rústica. Alguns chefes de família prestam serviços em determinados períodos nas fazendas vizinhas à comunidade como forma de adquirir renda extra, já que a única renda da maioria das famílias provém de benefício concedido pelo governo federal, o bolsa família.

O isolamento geográfico e a precária situação em termos de infra-estrutura são as principais dificuldades enfrentadas pelos moradores de São João. Além da falta de recursos básicos como água tratada, luz e saneamento, a comunidade também não dispõe de nenhuma estrutura pública indispensável, a não ser a pequena escola que nem mesmo funciona regularmente.

A busca por estruturas de saúde, educação, alimentação, vestuário, religião, política, trabalho, entre outros; obriga-os a encarar uma árdua rotina, isso quando não acabam deixando a comunidade por falta de opções. Estes são os motivos que os levam a adotar estratégias e dinâmicas de deslocamento diferenciadas entre os "mundos" rural e urbano.

Uma destas estratégias pode ser traduzida pela dinâmica residencial das famílias. Esta dinâmica facilita principalmente a condição dos enfermos, dos mais idosos ou dos moradores com alguma limitação de locomoção. As famílias que adotam esta estratégia transformam a residência na comunidade ou na cidade em uma segunda residência, passando a residir prioritariamente na primeira residência. As casas da cidade ficam no pequeno município paulista de Barra do Turvo. Isto lhes garante conciliar o acesso aos serviços públicos, sobretudo o de saúde, para o membro familiar necessitado, e manter as lidas com a roça para os demais integrantes.

Também as famílias com grande número de filhos em idade escolar acabam adotando esta mesma estratégia, em virtude da dificuldade de acesso ao transporte escolar e a

precariedade do mesmo. Atualmente 03 famílias mantêm apenas a casa da comunidade, 02 mantêm a residência da comunidade como a primeira e 09 a residência da comunidade como segunda.

Outra estratégia adotada pelas famílias de São João é a migração. Esta estratégia é assumida geralmente quando os filhos saem da comunidade em busca de melhores oportunidades nas cidades da região. A maioria destes constitui família e emprega-se em atividades urbanas ou rurais de agronegócio. Estes retornam em algumas ocasiões, como para os festejos de final de ano e muitos tem grande expectativa de voltar para a comunidade com suas famílias caso as terras do quilombo sejam tituladas, pois passam por dificuldades na vida urbana. Já os moradores da comunidade não costumam visitar com tanta frequência os parentes que residem fora por motivos, muitas vezes, financeiro.

Estas práticas demonstram uma constante transformação envolvendo estes dois "mundos" a qual expressa uma relação de interdependência entre ambos. Foi a partir da perspectiva dos *community studies* que se verificou como estas relações e suas transformações ocorrem.

O caso da família de Osvando representa bem esta situação de mobilidade constante entre o campo e a cidade. Ele nasceu e sempre manteve sua 1ª residência na comunidade. Desde o ano 2000, todavia, por razões relacionadas à saúde de sua esposa e a educação dos filhos, precisou construir uma segunda residência na sede do município mais próximo – Barra do Turvo.

Segundo relatos de Osvando, a situação de isolamento da comunidade já foi ainda maior antes da construção em 2000 de uma ponte pênsil sobre o rio Pardo, que separa a comunidade da estrada mais próxima. A travessia só podia ser feita de barco ou balsa e apenas nos dias com condições de tempo favoráveis. Nesta fase, os jovens quase não saíam do quilombo.

Atualmente sua família mantém uma relação intensa com a cidade de Barra do Turvo por vários motivos. No momento ele é o líder político da comunidade. Osvando se desdobra para cumprir um itinerário apurado, pois realiza suas atividades pessoais e de líder, tanto na comunidade como para além dela. Além das atividades realizadas na Barra, Osvando representa os moradores da comunidade em reuniões, encontros e eventos em outras localidades do estado de São Paulo e do Paraná e em outros quilombos vizinhos.

Num primeiro momento da fase de imersão das pesquisadoras na comunidade, Osvando, como líder religioso, organizava cultos em sua casa, o que era de praxe uma vez a cada mês. Numa segunda fase desta imersão, percebeu-se mudança na rotina deste morador junto de sua esposa e de alguns dos filhos. A frequência a Congregação Cristã do Brasil ocorria aos domingos na Barra do Turvo.

Sua família busca por serviços básicos na Barra do Turvo. Dois de seus filhos cursam séries acima do nível oferecido na escola da comunidade. Durante a ação participativa presente na metodologia dos *community studies*, acompanhou-se a rotina de deslocamento diário que estes realizam do quilombo para cidade para estudar na escola pública de Barra do Turvo.

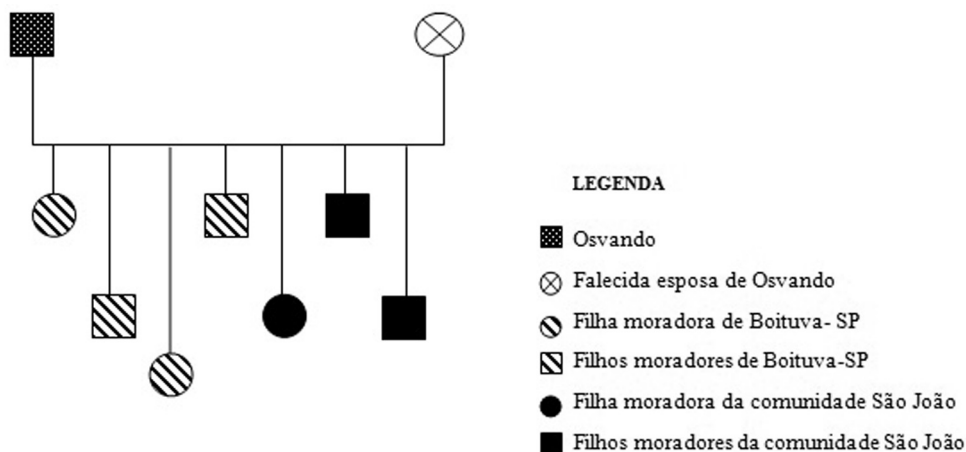
Sua esposa, Dona Maria, que na época da imersão procurava atendimento médico no Posto de Saúde da Barra do Turvo, muitas vezes era conduzida ao Hospital Regional de Pariquera-Açu, também no Vale do Ribeira paulista, quando precisava de exames mais específicos. Aos 45 anos, todavia, ela morreu de pneumonia dupla pela dificuldade de deslocamento entre a comunidade e o posto de saúde mais próximo.

Acompanhando o cotidiano da família de seu Osvando, foi possível observar a busca por produtos no comércio local e na feira semanal. Eles também utilizam serviços como farmácias, bancos e correio, os mais jovens às vezes vão à *lan house*, todos na Barra do Turvo. A 2ª residência da família nesta mesma cidade só é utilizada em momentos de necessidade, como quando os filhos perdem o transporte escolar, quando precisam consultar

e também quando seu Osvando precisa passar mais de um dia na Barra para resolver assuntos de líder comunitário.

Além da Barra do Turvo, com exceção de Osvando, esta família não costuma viajar para outras localidades, a não ser, com pouca frequência, para visitar os outros filhos do casal que moram em Boituva, no interior de São Paulo.

O senhor Osvando tem ao todo 7 filhos (Figura 1), mas apenas os 3 mais jovens moram junto dele na comunidade. Os outros 4, que estão na faixa etária dos 18 aos 30 anos de idade, saíram de São João a mais ou menos 3 anos. Primeiro foi um e depois os outros o seguiram.



**Figura 1 – Comunidade de São João - Adrianópolis (PR)
Família de Osvando e o atual local de moradia dos filhos**

Fonte: Pesquisa de Campo, 2010.

Os filhos de Osvando que saíram de São João foram em busca de melhores condições e emprego, o que é uma prática que vem ocorrendo desde os anos 1970 na comunidade. Este êxodo da população mais jovem foi ocasionado em decorrência da gradativa "compressão espacial" que o território historicamente ocupado pela comunidade vem sofrendo, o que não permite mais a garantia de subsistência dos moradores.

Estes 04 filhos residem atualmente no município de Boituva, no interior de São Paulo. São duas mulheres e dois homens. Os filhos trabalham em um frigorífico. Uma das filhas trabalhava em uma fábrica de roupas, mas atualmente as duas são donas de casa. As filhas casaram-se com pessoas da cidade. Uma das duas casou-se recentemente em Boituva, cerimônia que foi presenciada pela pesquisadora. Foi interessante observar como os filhos vivem neste "mundo" urbano. Para o casamento, a família, incluindo tio, primos e outros parentes do quilombo, saiu cedo de Barra do Turvo com uma Van contratada e passou o dia na casa da noiva em Boituva. Seu tio Benedito passou o dia visitando filhos que também residem nesta cidade.

A cerimônia ocorreu à noite e foi uma ocasião em que todos se reencontraram, os familiares da comunidade com os que vivem na cidade. Soube-se que os filhos de Benedito, e também sua sobrinha, residem no mesmo bairro e próximos dos filhos de Osvando. Assim percebeu-se que estes familiares vivem em caráter comunitário no "mundo" urbano. Segun-

do seu Osvando e os próprios filhos que moram na cidade, todos têm intenção de um dia retornar para São João com suas famílias.

Em entrevista, Osvando revelou que já precisou trabalhar como pedreiro em diversas localidades do Vale do Ribeira e até mesmo na capital paulista para garantir sua subsistência e de sua família. O trabalho era pesado e a renda era pouca, além de necessitar passar muito tempo longe da família. Por isso, Osvando afirma que não pretende mais sair da comunidade rural, quer criar lá seus filhos mais jovens e espera que os demais retornem.

Outra família que ilustra as relações entre rural e urbano é a de Benedito que é irmão mais velho de Osvando. Ele é separado, nasceu e sempre morou na comunidade São João. Ele é um dos moradores da comunidade que só possui a residência do quilombo. Sua ex-esposa é Francisca, atualmente casada com um não morador de São João. Benedito e Francisca têm 05 filhos e mantêm uma boa relação de amizade.

Acompanhando a rotina de Benedito, pode-se perceber que ele mantém seu dia-a-dia na comunidade cuidando de sua agricultura de subsistência no roçado próximo à sua casa e também dos porcos que cria. Ele é um grande contador de histórias e o "filósofo" do quilombo, pois possui um vasto conhecimento do meio ambiente e da vida na comunidade.

Seus deslocamentos são motivados pela busca de suprimentos que não são encontrados ou produzidos em São João, como roupas e alimentos além de receber sua aposentadoria. O senhor Benedito relatou durante uma entrevista que faz semanalmente compras nos mercados da Barra do Turvo e sempre pesquisa e compara os melhores preços. Suas roupas são compradas na feira-livre, que funciona todas as segundas em frente à praça da cidade. Esta feira, ao contrário das feiras-livres das grandes cidades, comercializa quase que exclusivamente produtos industriais (painéis de alumínio, potes de plástico, roupas, etc.).

Ele relata que poucas vezes foi ao médico e que apenas uma vez esteve internado no Hospital Regional de Pariquera-Açu para uma cirurgia de hérnia. Quando é acometido por problemas de saúde procura superá-los com seus conhecimentos sobre ervas e plantas medicinais que encontra na Floresta Atlântica onde vive. Uma vez ele procurou o Posto de Saúde de Barra do Turvo para vacinar-se contra a gripe.

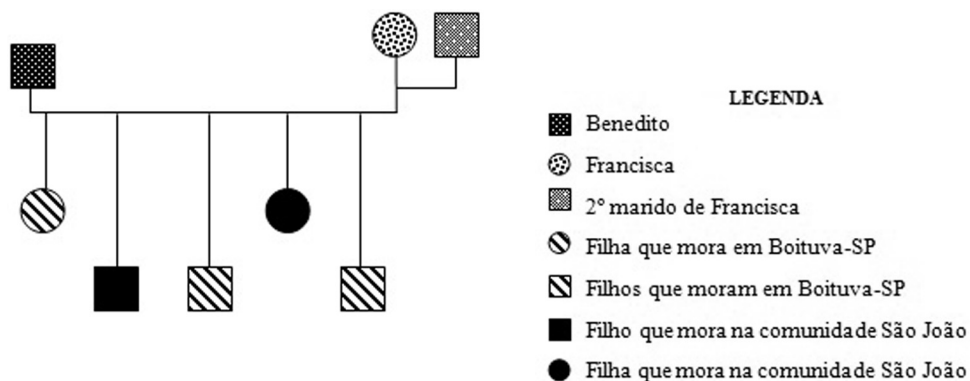
Benedito não faz muitas viagens, a não ser para visitas esporádicas aos filhos que moram em outras localidades, como Boituva, e para eventos e reuniões fora da comunidade. Entre as viagens mais importantes que Benedito realizou estão uma para Faxinal do Céu, município de Turvo no Paraná, e outra para a capital do estado, Curitiba. Em ambas participou de eventos que discutiram assuntos referentes à questão quilombola. Desta forma, assumir o auto-reconhecimento como comunidade quilombola representou também intensificar as relações entre os "mundos" rural e urbano.

Durante as eleições e também para tratar de assuntos referentes à documentação, Benedito desloca-se até a sede urbana de Adrianópolis, que localiza-se a 30 km da comunidade.

Francisca, sua ex-esposa, tem como 1ª residência a comunidade quilombola de Reginaldo no estado de São Paulo, onde mora com seu atual companheiro, mas mantém 2ª residência na comunidade São João, onde trabalha com agrofloresta.

A rotina de Francisca na comunidade São João foi acompanhada pelas pesquisadoras. Ela contou que quando se separou, abandonou Benedito com os filhos ainda pequenos e foi trabalhar para uma família da Barra do Turvo. Quando esta família mudou-se para a capital paulista, Francisca foi junto. Segundo relata, moravam em plena Avenida Paulista, mas ela não conseguiu se adaptar e voltou para São João.

Dos 5 filhos que teve com Benedito (Figura 2), os 3 mais velhos residem em Boituva, no mesmo bairro que os filhos de Osvando. Os 2 mais novos vivem em comunidades rurais, o filho no próprio quilombo São João e a filha na comunidade vizinha de Ilha do Cedro.



**Figura 2 – Comunidade de São João - Adrianópolis (PR)
Família de Benedito e o atual local de moradia dos filhos**

Fonte: Pesquisa de Campo, 2010.

Dos 3 filhos que estão em Boituva, uma das filhas já trabalhou em lojas, mas atualmente é dona de casa. Ela casou-se com um ex-morador de São João, e tiveram 03 filhos na cidade. Seu marido sempre trabalhou no setor madeireiro e de cana-de-açúcar e antes de morar em Boituva, viveram em outras localidades, inclusive no estado de Santa Catarina. Ambos ainda mantêm fortes relações com a comunidade, tanto que puderam ser entrevistados pelas pesquisadoras durante uma passagem pela comunidade às vésperas do Natal. Os outros dois irmãos que também vivem em Boituva, casaram-se com pessoas da cidade e são empregados do setor madeireiro e da produção de cana.

O filho de Benedito e Francisca que mora na comunidade é casado com uma prima de primeiro grau. O casal tem dois filhos pequenos. Ele já trabalhou em outras localidades e até morou um tempo em Boituva na casa de sua irmã. Atualmente ele só faz alguns trabalhos esporádicos por dia para fazendeiros próximos para melhorar a renda. Sua principal ocupação é a agrofloresta, que cultiva em conjunto com sua mãe.

A outra filha de Benedito e Francisca é casada com um primo de segundo grau. O casal tem 05 filhos pequenos, sendo que o menor sofre de crises constantes de bronquite, por isso a família procura estar sempre próxima ao rápido atendimento médico. Embora mantenha sua casa em São João, já morou na comunidade quilombola de Córrego do Franco, onde existe um Posto de Saúde. Recentemente a família mudou para uma comunidade rural mais próxima de São João, a Ilha do Cedro.

Assim como os filhos de Osvando, os de Benedito que vivem em Boituva sonham em voltar à comunidade, assim que a titulação das terras seja conquistada.

O caso da família de Maria Aparecida também representa a mobilidade entre os dois "mundos" rural e urbano. Maria Aparecida é irmã de Benedito e Osvando. Atualmente é casada com Manoel, mas foi com seu primeiro marido que teve seus 9 filhos (Figura 3).

Maria Aparecida vive na Barra do Turvo como 1ª residência e mantém sua 2ª residência na comunidade São João. É dona de casa e com ela mora uma filha e um filho. Este filho Adilson também possui uma casa na comunidade, que utiliza como 2ª residência, já que trabalha na cidade. Sua casa no quilombo fica próxima à de sua mãe.



**Figura 3 – Comunidade de São João - Adrianópolis (PR)
Família de Maria Aparecida e o atual local de moradia dos filhos**

Fonte: Pesquisa de Campo, 2010.

Dejanira que também é uma das filhas de Maria Aparecida mora na comunidade com seu primo e marido, que já fora tratado anteriormente por se tratar do filho de Benedito e Francisca. Um dos motivos que mais levam "Deja", como é chamada, a se deslocar da comunidade a cidade, é para visitar sua mãe na Barra do Turvo, pois Maria não costuma ir tanto para lá, quem mais vai é seu marido Manoel para cuidar da casa e do roçado.

Outra filha, Daiane, morava na Barra do Turvo com sua mãe e seus irmãos durante a primeira fase de imersão das pesquisadoras. Ela foi professora do programa "Brasil Alfabetizado" por um tempo, ensinando alguns moradores de São João. Atualmente ela está casada com um morador da Barra do Turvo e o casal também reside em Boituva, no mesmo bairro que os filhos de Benedito e Osvando. O marido trabalha na construção civil e ela está desempregada. Daiane contou que sente falta de morar na Barra e visitar o quilombo constantemente.

Os outros filhos de Maria Aparecida moram em localidades do interior de São Paulo, sobretudo, em municípios do Vale do Ribeira paulista.

Como pode ser visto nos exemplos apresentados, o cotidiano dos moradores da comunidade quilombola de São João constitui-se de práticas rotineiras realizadas entre dois "mundos" – o rural e o urbano. É possível observar a partir da apresentação de algumas das dinâmicas residenciais, de migração e de deslocamento praticadas pelas famílias da comunidade quilombola de São João entre estes dois "mundos", a grande variabilidade de relação e interações entre o rural e urbano.

A intensidade das relações da comunidade quilombola com a pequena cidade de Barra do Turvo é evidenciada em todos os casos analisados. Há também o caráter comunitário presente em Boituva, onde se concentram a maioria dos filhos que se urbanizaram. Assiste-se no cotidiano urbano destes ex-moradores de São João, a manutenção da vida em comunidade, cuja origem remonta o "mundo" rural, embora hoje com localização eminente no "mundo" urbano. Assim fica explícita a relação de interdependência entre os dois "mundos",

onde a maioria das famílias da comunidade vive entre o rural e o urbano. Mesmo aqueles que vivem no rural mantêm uma rotina ligada ao "mundo" urbano e os que vivem na cidade mantêm uma ligação com o rural através dos familiares que lá ainda permanecem e na intenção de um dia retornar.

Desta forma, a análise aqui empreendida de vivência numa perspectiva micro-escalar, presente nos *community studies*, apresenta-se como de fundamental importância na compreensão de relações e interações entre estes "mundos".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo demonstrou-se que os *community studies* continuam atuais quando submetidos a releituras. A abordagem possibilita, entre outros, a percepção das relações entre os "mundos" vivenciados, no caso em estudo, as interações entre o rural e o urbano no cotidiano da comunidade quilombola de São João.

A perspectiva micro-escalar adotada permite valorizar as experiências e sensações pessoais e a subjetividade que envolve as interações entre o rural tradicional, representado pela comunidade, e o urbano moderno, representado pela sociedade. A realidade passa a ser apreendida a partir da ótica do sujeito pesquisado, sem - todavia - se ater a ela.

Através da análise do cotidiano dos moradores da comunidade quilombola em estudo, foi possível perceber as estratégias de adaptação e sobrevivência que estes desenvolvem. Estas se caracterizam pelo estabelecimento de relações e interações entre a própria comunidade e a sociedade urbana, que foram evidenciadas - entre outras - na forma de novas dinâmicas de deslocamentos residenciais e migrações.

Estas inter-relações e interações entre os "mundos" rural-urbano, urbano-rural e rural-rural foram ocorrendo de forma integrada. De um lado, elas provocaram transformações gradativas dos hábitos e costumes dos moradores e da paisagem local, de outro, todavia, fortaleceram os laços identitários e culturais entendidos na sua dinâmica. Desta forma, o modo de vida por meio do qual os indivíduos pesquisados possuem uma visão de "mundo" foi sendo ampliado, articulando a visão do seu próprio "mundo" com a visão do "mundo" exterior, transformando também o modo destes enxergarem a si mesmos e aos que estão em seu entorno.

Neste sentido, reitera-se a importância dos estudos de comunidade (*community studies*) para a compreensão das manifestações que surgem entre os "mundos" rural e urbano, a partir do próprio cotidiano e da realidade dos sujeitos que estão envolvidos neste processo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Anpocs/Unicamp/Hucitec, 1992. (Estudos Rurais 12).

BUTTEL, F. H.; LARSON, O. F.; GILLESPIE, JR., G. W. **The Sociology of Agriculture**. New York: Greenwood Press, 1991.

CARMO, R. M. do. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 252-280.

- CASTRO, E. G. de. Estudos de Comunidade: Reflexividade e Etnografia em Marvin Harris. **Revista Univ. Rural, Sér. Ciênc. Humanas**, Rio de Janeiro, v.23, n.2, p.195-210, jul./dez. 2001.
- DURKHEIM, E. **As Regras do método sociológico**. 3ª ed.. Lisboa: Editorial Presença, 1987 [1895].
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Comunidade Quilombolas Certificadas**. Disponível em < <http://www.palmares.gov.br/>> Acesso em março de 2010.
- GARCIA JR., A. A Sociologia Rural no Brasil: entre escravos do passado e parceiros do futuro. **Estudos Sociedade e Agricultura**. 2002. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/dezenove/afranio19.htm>> Acesso em: 2010.
- HARRIS, M. **Town and Country in Brazil**. NY: The Norton Library, 1971.
- HERSKOVITS, M. The Negro in the New World: The Statement of a Problem. **American Anthropologist**, v. 32, n. 1, p. 145-155, 1930.
- KROEBER, A. Lo superorgânico. In: J.KAHN (Comp.) **El concepto de cultura: textos fundamentales**. Barcelona: Anagrama, p. 47-84, 1975.
- LENCIONI, S. **Região e geografia**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- LEWIS, O. **Tepoztlan: village in Mexico**. New York: Holt, Hinehart and Winston, v. III, 1960.
- LÖWEN SAHR, C. L. et al. **Relatório Antropológico Final – Comunidade Quilombola de São João, Adrianópolis/PR**. INCRA-PR/UNICENTRO/UEPG. 2010.
- LYND, R. S.; LYND, H. M. **Middletown: a study in american culture**. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1956.
- LUTTERS, W. G.; ACKERMAN, M. S. **An Introduction to the Chicago School of Sociology**. Interval Research Proprietary, 1996. Disponível em: < http://userpages.umbc.edu/~lutters/pubs/1996_SWLNote96-1_Lutters,Ackerman.pdf>. Acesso em: 2010.
- MAIO, M. C. Estudos de comunidade e relações raciais: o convênio Columbia University - Estado da Bahia/UNESCO na década de 1950. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 18, 2009.
- MINTZ, S. W. The folk-urban continuum and the Rural Proletarian Community. **American Journal of Sociology**, v. 59, p. 136-143, 1953.
- MURPHY, R. F. (Org.) **Selected Papers from the American Anthropologist 1946-1970**. Washington: American Anthropological Association, 1976.
- REDFIELD, R. **The Litle community and peasant society and culture**. Chicago: The University Chicago Press, 1989 [1960].
- RIBEIRO, G. L. e BIANCO, B. F. (Org.) **Antropologia e Poder: Contribuições de Eric R. Wolf**. Campinas: Editora Universidade de Brasília e Editora UNICAMP, 2003.
- RODRIGUES, H. F.; SOARES, P. R. R. **Quando a cidade e o campo se encontram: tendências atuais da relação urbano/rural no vale dos Sinos e Paranhana**. Disponível em <http://www.agbpa.com.br/CD/artigos/Comunicacao/Urbana%20-%20PDF%20OK/QUANDO%20A%20CIDADE%20E%20O%20CAMPO.pdf> Acessado em: 2010.
- ROSA. L.; FERREIRA, D. As categorias rural, urbano, campo, cidade: a perspectiva de um continuum. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (Org). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- SAHR, W. D. *Community studies* e novas espacialidades: Elementos epistemológicos do desenvolvimento territorial na geografia alemã e na política territorial brasileira. In: SIMPÓSIO BRASIL-ALEMANHA / *DEUTSCH-BRASILIANISCHES SYMPOSIUM*, 4, **Anais...** Curitiba, 2009.

SAUER, C. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R.L. et al. (Org.) **Introdução a Geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SCHNEIDER, S. Da crise da Sociologia Rural à emergência da Sociologia da Agricultura: reflexões a partir da experiência norte-americana. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.14, n.2, p.225-256, 1997.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida do espírito. In: FORTUNA, Carlos (Org). **Cidade, cultura e globalização**. Oeiras: Celta Editora, 1997 [1903].

SOUZA, M. L. de. **Mudar a cidade**: Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

STEWART, J. **Theory of Culture Change. The Methodology of Multilinear Evolution**. Urbana: University of Illinois Press, 1955.

TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade. In: CRUZ, Manuel Braga da (Org.). **Teorias sociológicas**. v. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989 [1887].

VEIGA, J. E. **O desenvolvimento agrícola**: uma visão histórica. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1991.

WACQUANT, L. 2004. Ghetto. In Smelser, Neil J. & Baltes, Paul B. (Ed.). **International Encyclopedia of The Social and Behavioral Sciences**. London: Pergamon Press, ver. ed. 2004. Disponível na página pessoal do autor: <http://sociology.berkeley.edu/faculty/wacquant/> acesso em: 2010. Tradução brasileira: "Que é gueto? Construindo um conceito sociológico". Tradução de Eisenberg, Z. e Junior, J. F. **Revista de Sociologia e Política**, n. 23, Curitiba, p. 153-164, 2004.

WANDERLEY, M. de N. B. **Urbanização e ruralidade - relações entre a pequena cidade e o mundo rural**: estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. Recife, 2001. (circulação restrita).

WIRTH, L. **The Ghetto**. Chicago : University of Chicago, 1928.

WOLF, Eric R. Closed Corporate Peasant Communities in Mesoamerica and Central Java. **Southwestern Journal of Anthropology**, 1957.

Recebido em agosto de 2010

Revisado em junho de 2011

Aceito em julho de 2011

